Uma publicação do Sindicato dos Servidores Públicos do **Ensino Superior de** Blumenau

"DEFENSORES DE AMBOS OS LADOS NA DISPUTA ELEITORAL NO BRASIL PARECEM SE ORGULHAR DE ALGUMAS DAS SUAS LIMITAÇÕES. ESTAS AFETAM A REFLEXÃO POLÍTICA E ATRASAM A MELHORIA DE QUALIDADE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA."

LUCIANO FÉLIX FLORIT. SOCIÓLOGO DO MESTRADO EM DESENV. REGIONAL DA FURB **EQUÍVOCOS LIBERAIS E SOCIALDEMOCRATAS**

PÁGINAS 4 E 5

"ESTIMA-SE QUE A CADA ANO, SEGUNDO A OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2,34 MILHÕES DE PESSOAS MORREM DE ACIDENTES OU ENFERMIDADES RELACIONADAS COM O TRABALHO. SENDO EM TORNO DE 6.300 MORTES DIÁRIAS.

ELSA BEVIAN, PROFESSORA DO DEPARTAMENTO **DE DIREITO DA FURB**

QUANDO O TRABALHO FAZ ADOECER

PÁGINAS 8 E 9

"E SE BLUMENAU, A CIDADE NA QUAL NASCI E RESIDO, ATRIBUIU 77% DOS VOTOS VÁLIDOS A AÉCIO, TAMBÉM NÃO LHE ATRIBUO CULPAS, MAS RESPONSABILIDADES."

VIEGAS FERNANDES DA COSTA, PROFESSOR E HISTORIADOR

NO PRATO, A MESMA RAIZ **PÁGINA 16**



OS DESAFIOS DA FURB 50 ANOS DEPOIS DE SUA FUNDAÇÃO

FOTO ACIMA: 1986 — INSTALAÇÃO OFICIAL DA UNIVERSIDADE E INAUGURAÇÃO DO PRÉDIO PRÓPRIO PARA A BIBLIO-TECA. A CERIMÔNIA CONTOU COM A PRESENÇA DO ENTÃO MINISTRO DA EDUCAÇÃO MARCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA MACIEL. LOCAL: CAMPUS I — FURB. DATA: 07/02/1986. FOTÓGRAFO: RAIMUNDO P. DOS SANTOS. PÁGS 10 E 11



O COMPASSO DOS CICLOS

Passada a eleição, após um desfile horrendo de manipulações estatísticas pontuais comparando momentos que remontaram os ciclos da história recente brasileira nos últimos 25 anos, perdeu-se a capacidade de análise do contexto global do que re-

Vivemos em uma economia de forças comparativas dependendo do grau de abertura e interrelacionamento entre os países.

presentou cada ciclo econômico e social no qual o país viveu nesse período. Da crise da dívida, a fase de abertura neo-liberal sucedida por outra crise dos países emergentes, a expansão de liquidez e crescimento econômico com alta demanda e elevação do preços de matérias-primas, preocupação com a sustentabilidade e colapso financeiro dos países maduros ao final da década passada até a euroesclerose atual de-

ram o tom do compasso da dança em que países lideram ou surfam nessas ondas. Cada nação favorecido ou não nesses ciclos tem uma agenda parti-

cular de problemas nacionais, mas que precisa estar alinhada comparativamente com a agenda global sob o risco de perder oportunidades nesses momentos e reduzir sua potencialidade em relação ao futuro. Vivemos em uma economia de forças comparativas dependendo do grau de abertura e inter--relacionamento entre os países. No Brasil tivemos de fato grandes acertos em cada um desses ciclos, mas não conseguimos resolver todos os problemas que ficam para um próximo governo. A ascensão de classes mais baixas, aumento da renda reduzindo as desigualdades, acesso a educação, crédito e democratização do consumo foram os feitos mais notáveis e extremamente necessários que tinham que ser realizados, bem como a redução das desigualdades regionais ainda persistentes e com raízes seculares. Criou-se um grande mercado consumidor e que não parou de atrair investimento direto estrangeiro. Estamos em um ciclo ainda favorável aos emergentes, mas que não é baseado na posse de matérias-primas e recursos de mão-de-obra barata, mas baseado no crescente domínio de tecnologia, capacidade humana e empresarial e um ambiente institucional favorável à inovação. Como bem disse recentemente o ex-ministro Manguabeira Unger,

depois da democratização do acesso ao consumo o esforço deverá ser a democratização da oferta. A espiral produção, consumo, acumulação e distribuição precisa funcionar. O que não andou bem nesses últimos quatro anos é a falsa sensação que continuávamos no mesmo ciclo anterior e que determinadas fórmulas muito comuns na década de 80 e desgastadas com o tempo ainda funcionavam, como controle de preços, intervenção ao invés de regulação, protecionismo de mercado, criação de estatais, subvenções e renúncias fiscais localizadas. Um estranho Capitalismo de Estado compadrinhado com um grupo de empresas eleitas, favorecidas e amigas do governo não se enquadra no conceito de democratização da oferta. Nosso ambiente institucional desse lado da espiral não sustentará os recentes avanços conquistados, se não coordenarmos cada perna dessa sociedade. Não se trata de voltar ao passado, pois vemos ainda velhos fantasmas dos quais ainda fugimos e é preciso muito mais do que um reforma política, pois liderança, clareza e coerência no discurso das intenções e das ações são pilares da confiança de um governo. Como dizem os chineses: "Nós temos problemas, mas são nossos e precisamos resolvê-los"..



"MAIS DE 112 MILHÕES DE BRASILEIROS FORAM ÀS URNAS NESTE SEGUNDO TURNO, E FIZERAM VALER A LUTA DAQUE-LES QUE NOS LIBERTARAM DOS GRILHOES DA DITADURA MILITAR. TERMINADA A APURAÇÃO, COM CONFIRMAÇÃO DA REELEIÇÃO DA PRESIDENTE DILMA, AFLORARAM NAS MÍDIAS SÓCIAIS MENSAGENS PRECONCEITUOSAS E RE-PLETAS DE ÓDIO. ISSO É TÍPICO DE "CRIANÇAS" MIMA-DAS, QUE NÃO BRINCAM MAIS SE DEIXAR DE ACONTECER AQUILO QUE DESEJAM DURANTE A DIVERSÃO. AO DESTILAR TAMANHA RAIVA E IGNORÂNCIA XENÓFOBA, APENAS REVE-LARAM SER TÃO ANTI-DEMOCRÁTICOS, QUANTO AQUELES QUE UM DIA SUSTENTARAM O REGIME AUTORITÁRIO EXTIN-TO EM 1985. VALE LEMBRAR QUE A ELEIÇÃO É NACIONAL, E TANTO A DILMA, QUANTO O AÉCIO FORAM VOTADOS EM TODOS OS ESTADOS. PETISTAS, TUCANOS, BRANCOS, NU-LOS E AUSENTES ESTÃO JUNTOS E MISTURADOS PELA DE-MOCRACIA DO BRASIL."

MARLON DUMKE, Jornalista

"PARABENIZO TODA A EQUIPE QUE FAZ O EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA ACONTECER. LEIO TODAS AS EDIÇÕES, POR SER UM MEIO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVO E DEMOCRÁTICO QUE APRESENTA REALIDADES MUITAS DAS VEZES ESCONDIDAS PELAS MÍDIAS TRADICIONAIS E CONSERVADORAS. O EXPRESSÃO ABORDA E PROBLEMATIZA UMA DIVERSIDADE DE TEMAS RELEVANTES E NECESSÁRIOS DA REGIÃO, COM VISTAS A CONTRIBUIR PARA UM DESENVOLVIMENTO HUMANO E SOCIAL."

BRUNO TOMIO, aluno do curso de Educação Física e bolsista de iniciação científica da Furb

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPES | 2011/2014

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); Vice-presidente: Luiz Donizete Mafra (DAC), Secretária geral: Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), 1ª Secretária: Marian Natalie Meisen (Instituto FURB), Tesoureiro: Valcir de Amorim (DAF), 1º Tesoureiro: Leandro Junkes (Biotério Central), Diretor de Imprensa e Comunicação: Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), Diretora de Assuntos Jurídicos: Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), Diretora de Formação e Relação Sindical: Nevoni Goretti Damo (CCS), Diretor de Cultura: Nazareno Schmoeller

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Edemar Valério Mafra (NRTV), Selésio Rodrigues (DAC)

(DAC)
Suplentes: Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

sioseoes

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 3.000 cópias. Gráfica: Grafinorte S/A (Apucarana, PR)

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPES (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da Furb - Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br





NTERNAS

O RANKING DAS MELHORES UNIVERSI-DADES DO MUNDO

A revista Exame publicou em setembro um dos mais respeitados rankings de universidades do mundo, publicado pelo grupo Quacquarelli Symonds (QS). O Massachusetts Institute of Technology aparece no topo do levantamento.

As universidades americanas e britânicas dominam o ranking. Nenhuma universidade da América Latina está entre as 100. A mais próxima é a USP, em 132 - ainda assim caiu cinco posições. Os critérios principais para a classificação são o número de prêmios internacionais recebidos por ex-alunos e professores, bem como a quantidade de egressos em posições de liderança em grandes empresas.

Somados, esses critérios correspondem a 75% da nota final de cada instituição, que vai de 0 a 100. A universidade brasileira mais bem avaliada, a USP, ficou com 49.82.

ELEIÇÃO DO DCE SERÁ DIA 20 DE NOVEMBRO

Encerraram dia 6 de novembro as inscrições para a eleição do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da FURB, gestão 2014/2015. Entre as principais bandeiras do grupo que está no comando e disputa a reeleição é garantir um transporte intercampos para alunos que têm aulas em diferentes campos e criação de uma área de convivência no campus 1, com bicicletários. Segundo o vice-presidente atual do DCE, John Maicon Albanis, o DCE entregou um ofício ao reitor Natel reivindicando espaço com oito vagas de carros de estacionamento para instalação de bicicletas, no campus 1. O projeto é estender o bicicletário para todos os três campus. Criado em 1976, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da FURB é o órgão máximo de representação estudantil dentro da Universidade. O Diretório é responsável pela supervisão dos processos de ensino e pela busca de melhorias e reivindicações dos acadêmicos da Instituição. Cabe ao DCE também a promoção de eventos culturais, artísticos, cívicos, desportivos e de cunho social, bem como o atendimento e apoio da classe acadêmica da FURB. As eleições para a diretoria 2014/2015 do DCE estão marcadas para o dia 20 de novembro, das 7h45 às 22h, nos campi 1, 2 e 3 da FURB.

A PROBLEMÁTICA EM TORNO DAS VAGAS EM CRECHES EM BLUMENAU

A técnica de laboratória e primeira secretária do SINSEPES, Marian Natalie Meisen, denunciou a questão da falta de vagas em creches de Blumenau. A partir do ano que vem, uma decisão da prefeitura define que toda a criança de 5 anos não terá mais direito ao atendimento integral nos CEIS do município.

Vagas em creches,

Primeiramente, gostaria de deixar claro que sou apenas uma mãe expondo um contraponto com base em informações que obtive. O que gostaria de relatar diz respeito à carga horária de quatro horas, estabelecida pela prefeitura, para crianças com cinco anos que frequentam algum Centro de Educação Infantil (CEI), em Blumenau, para o próximo ano e para crianças a partir de quatro anos no ano de 2016. Fomos surpreendidos, há algum tempo, com a notícia no jornal e também com o posicionamento de diretores dos CEIs com os pais.

A matrícula em colégios para crianças com cinco anos no próximo ano e quatro em 2016 será obrigatória por lei. Diminuiu-se a idade da criança para ingresso no sistema escolar e, no âmbito do município, quem irá receber esses novos estudantes são os CEIs.

O que quase não se fala é que a carga horária de quatro horas é uma imposição da administração municipal, ou seja, a legislação estabelece que, em turno parcial, quatro horas seja o mínimo de permanência da criança em algum colégio, não o máximo. Para onde os pais irão encaminhar os filhos no outro turno? Alguns terão de pedir demissão ou mudança de turno de trabalho? A administração municipal está pensando nisso?

Tenho filho que frequenta um CEI do município e que completará quatro anos em 2016. Já estou preocupada como farei quando chegar nesta época. Não está a administração municipal indo contra princípios atuais que pensam na permanência da criança em ambiente escolar durante período integral? A tendência não é criar mais colégios que atendam em período integral? Por que a redução agora? Os CEIs atuais não têm estrutura para atender à demanda de estudantes que irão ingressar? Qual a verdadeira questão por trás dessa redução de carga horária?

São vários questionamentos sem resposta, e os pais ficam sem saber o que fazer. Acredito que a imposição de quatro horas irá provocar um aumento do número de creches clandestinas no município e, por consequência, um possível aumento da violência contra a criança. Posso estar equivocada em algumas questões da legislação, contudo, quem me dera estar exagerando nas consequências práticas de tal redução da carga horária para as famílias e a criança.

Correção:

Ao contrário do que foi divulgado na última edição, o jaguarense Charles Zimmermann, personagem central da reportagem de capa, é aluno do mestrado em Administração da FURB e não em Desenvolvimento Regional.

CARDÁPIO DO RU PODE SER CONSULTADO COM ANTECEDÊNCIA, NA INTERNET

O cardápio oferecido pelo Restaurante Universitário (RU) pode ser acessado com

antecedência no site da Universidade. Desenvolvida pela Coordenadoria de Comunicação e Marketing (CCM), em parceria com a Comissão Gestora do RU, a página será atualizada semanalmente.

O endereço é: http:// www.furb.br/web/4458/ servicos/portal-academico/ restaurante-universitario

O cardápio é elaborado pela nutricionista do RU,



seguindo as diretrizes que constam do contrato e que foram elaboradas pelo curso de nutrição com base nas recomendações do Ministério da Saúde.

NOVO MODELO FOI IMPLANTADO FIM DE JULHO

Desde o final do mês de julho quando o atual modelo de concessão foi implementado, o RU oferece almoço ao preço de R\$ 5 para a comunidade acadêmica e R\$ 9,5 para a comunidade externa.

O funcionamento, oferta de serviços e os preços praticados nos Restaurantes e Lanchonetes Universitárias, instalados em todos os Campi, são acompanhados e monitorados pela Comissão Gestora. A esta Comissão também cabe fiscalizar o cumprimento integral do contrato de concessão.

FOTO: JAIME BATISTA







EQUÍVOCOS LIBERAIS E SOCIALDEMOCRATAS

Um olhar sobre as distorções cometidas nos discursos do PSDB e do PT nas eleições presidenciais no Brasil

<u>POR LUCIANO FLORIT</u> Sociólogo e professor da FURB - lucianoflorit@furb.br

ral no Brasil parecem se orgulhar de algumas das suas limitações. Estas afetam a reflexão política e atrasam a melhoria de qualidade da democracia brasileira.

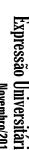
Naqueles mais seduzidos pelo discurso liberal do PSDB (aquele que, pelo enredo da política, tem em sua sigla a expressão "social democracia" embora não o seja) costuma vigorar uma crença excessiva nos esforços individuais como sendo os determinantes das oportunidades, competências e bens de que gozam. Estes, facilmente se percebem como indivíduos heroicos que graças apenas a seu próprio esforço gozam de merecidas vantagens diante daqueles que, por serem preguiçosos e diletantes, hoje se encontram

efensores de ambos os lados na disputa eleito-

em desvantagem. Trata-se de uma percepção errada da própria situação, sempre produto da interação com outros e resultado de uma realidade interdependente. A própria constituição do indivíduo é impensável sem uma realidade produzida em interdependência com outros e com instituições que, dentre outras coisas, tem lhe garantido a sobrevivência ao nascer.

Chamo a esta distorção de equívoco elitista. Elitista, porque a negação da interdependência da qual se beneficiou tem como consequência obstaculizar a possibilidade de que outros obtenham benefício equivalente. Equívoco, porque cedo ou tarde sofrerá a consequência da falta de solidariedade que hoje o orgulha.

O equívoco elitista se manifesta de diversas formas. Uma delas é o cinismo egoísta que caracteriza aqueles que, por





exemplo, não conseguem perceber a solidariedade de que se beneficiaram ao passar no vestibular, obter um financiamento ou realizar bons lucros com seu empreendimento. Nem se fale então do cinismo daqueles que sequer precisam de financiamento, pois seus bens já são garantidos por herança, ou sequer precisam empreender, pois serão diretores na empresa da família. O regionalismo separatista é outra forma de equívoco elitista, assim como o são certos discursos que, disfarçadamente, invocam superioridade de classe ou raça.

Talvez, o equívoco elitista expresse o componente conservador dessa corrente política, mas isto não deveria passar despercebido pelos adeptos do liberalismo nos costumes e na política. É que liberalismo e conservadorismo, hoje associados, são de fato opostos históricos. O liberalismo político é aberto à liberdade nos costumes e às transformações sociais em nome da igualdade, e também é avesso ao controle do Estado por entender que a liberdade econômica é componente essencial da liberdade social e política. Já o conservadorismo, uma atitude de aversão às mudanças (inicialmente, as mudanças que o liberalismo apregoava!) hoje se garante com a dinâmica do livre mercado que, como todo mundo sério sabe reconhecer, tende a reproduzir desigualdades e privilégios.

O lado socialdemocrata do PT também cultiva seus equívocos, sendo o mais preocupante a sua insuficiente afeição pelas instituições republicanas democráticas. Esta insuficiência se explica pela percepção de que as instituições seriam, como Marx argumentou, resultado da imposição política. Trata-se de um realismo político que não tem dificuldade em justificar os meios em função de certos fins, tidos como necessários para a transformação social. Essa insuficiente afeição pelas instituições tem tornado seu programa socialdemocrata dependente do carisma do líder. Este, percebido por muitos intelectuais de esquerda como o único modo de convidar e articular as massas, consolidou-se como interlocutor privilegiado do povo, para além das instituições e do próprio partido.

Chamo a este de equívoco populista. Populista, pois negli-

genciou o respeito às instituições em função do realismo político coordenado pelo líder. No caso da experiência em curso no Brasil a principal instituição afetada foi o próprio partido, construído em décadas de lutas de diversos setores populares, porém diminuído em seu conteúdo substantivo com a imposição de sucessões (como a própria Presidenta) e a renúncia a bandeiras importantes em função da governabilidade. É equívoco porque sem várias das suas bandeiras e sem a dinâmica interna capaz de renovar suas lideranças, seu projeto socialdemocrata ficou enredado no histórico patrimonialismo do Estado brasileiro, os arranjos com oligarquias regionais, e uma burocracia tecnocrática que, como consequência impremeditada das suas intenções de transformar o Brasil para melhor, foi conivente com as já dantes conhecidas perversidades do sistema político brasileiro.

São muitas as razões pelas quais a democracia deve ser valorizada enquanto regime político, mas destaco aqui duas. Por um lado, na democracia os diversos sistemas de

valores e interesses são obrigados a conviver e a se subordinar a procedimentos de tomada de decisão nos quais não há donos da verdade. Por outro lado, sem esse equacionamento de interesses e valores, que são a essência da política, a lógica capitalista tenderia à exacerbação das iniquidades, inviabilizando a coesão social e aniquilando as diversas aspirações legítimas da maioria das pessoas.

Tenho comigo que sem os equívocos populista e elitista, a democracia brasileira teria melhores condições de aprimorar a sua qualidade, melhorando suas instituições e diminuindo suas iniquidades.

Tenho comigo que

sem os equívocos

a democracia

teria melhores

condições de

sua qualidade,

instituições e

iniquidades"

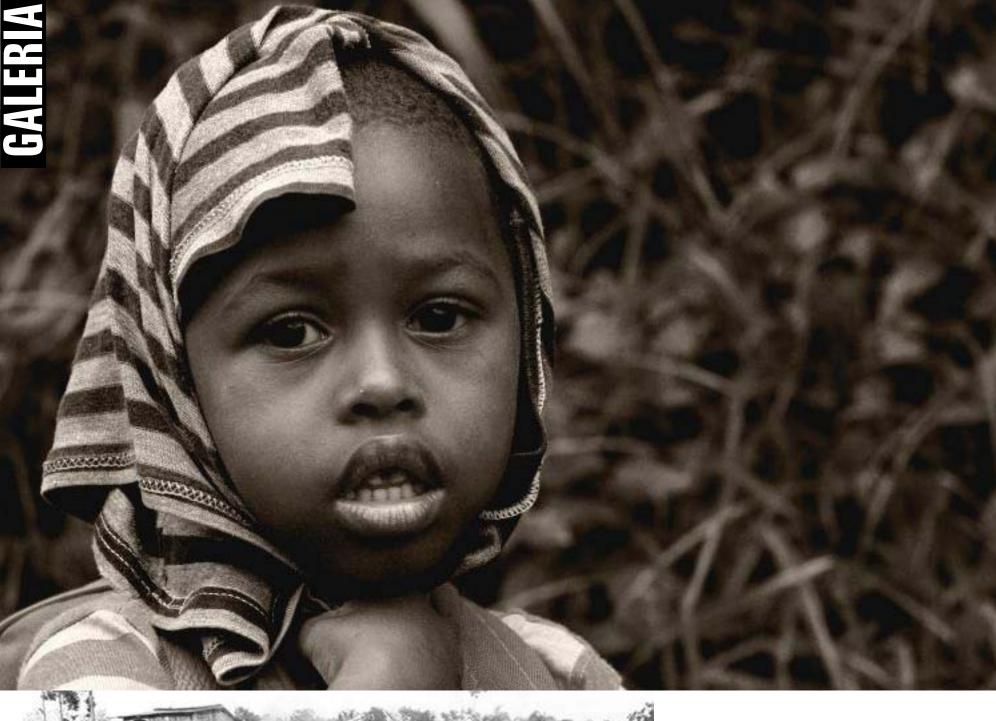
melhorando suas

diminuindo suas

aprimorar a

brasileira

populista e elitista,



ma exposição no Museu do Olho, em Curitiba, de maio ao início deste mês lançou um olhar sobre um fenômeno na imprensa brasileira: "Um olhar sobre O Cruzeiro: as origens do fotojornalismo no Brasil" apresentou mais de 300 imagens e matérias do Cruzeiro. A mostra revelou a história da principal revista ilustrada brasileira do século 20, que foi decisiva para a implantação do fotojornalismo no país. A exposição tem como fio condutor a relação entre as imagens produzidas pelos fotógrafos e as fotorreportagens tais como foram publicadas. Com foco nas décadas de 1940 e 1950, período de maior criatividade e penetração social da revista, Pierre Verger, José Medeiros, Peter Scheier, Jean Manzon, Henri Ballot e Marcel Gautherot são alguns nomes que compõem a mostra.

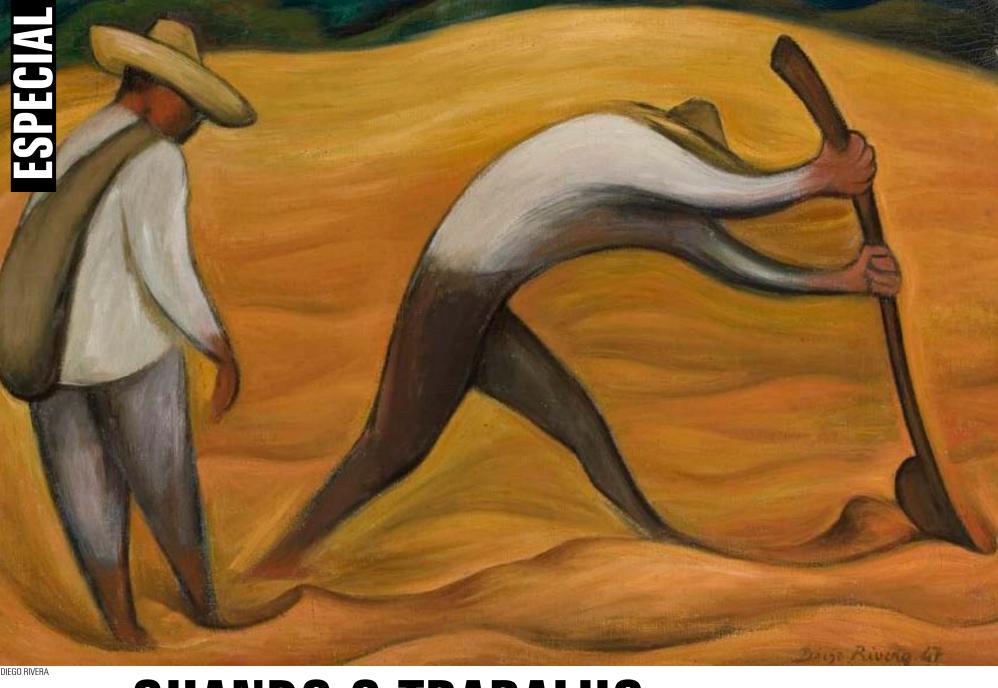
Em Santa Catarina, profissionais também se destacam no fotojornalismo. Exemplos disso são Rafaela Martins, Jandyr Nascimento e Diego Redel, autores das fotos que compõem esta galeria. Um desafio nas redes sociais envolveu os profissionais numa espécie de "jogo", estimulando a publicação de fotos em preto e branco. Confira a seleção feita pelo Expressão Universitária.





RAFAELA MARTINS





QUANDO O TRABALHO FAZ ADOECER

Adoecimento de trabalhadores caracteriza fenômeno crescente e desafiador. Em nome das metas, produção acelerada e reestruturação produtiva, sacrificam-se a vida e a saúde de trabalhadores do mundo inteiro. Estima-se mais de 6 mil mortes por dia, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho

têxtil e o comércio

POR ELSA BEVIAN

Professora de Departamento de Direito da FURB e doutoranda em Ciências Humanas da UFSC - elsabevian@gmail.com

acentuando-se a cada dia, no sistema capitalista que vivenciamos e caracteriza-se como fenômeno local e global. Notícias de todas as partes do planeta revelam a barbárie que acontece no mundo do trabalho: boa parcela dos trabalhadores estão estressados, deprimidos e adoecidos, em função do assédio moral sofrido no trabalho, em nome das metas, produção acelerada, reestruturação produtiva - sistema célula de produção, terceirizações, resultando disso inclusive següelados, em função de acidentes de trabalho típicos e atípicos, em decorrência das doenças ocupacionais, como a DORT - distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho e a LER – lesão por esforços repetitivos.

Estima-se que a cada ano, segundo a OIT – Organização Internacional do Trabalho, 2,34 milhões de pessoas morrem de acidentes ou enfermidades relaciona-

das com o trabalho, sendo em torno de 6.300 mortes diárias. Deste número, em torno de 2,2 milhões falecem em função de uma, dentre muitas enfermidades profissionais que existem. A OIT calcula que a cada ano produzem-se 160 milhões de ca-

sos de enfermidades não mortais relacionadas com o trabalho.

adoecimento dos trabalhadores, com a globalização da economia, é um fenômeno que vem das enfermidades mencionadas variam consideravelmente. Na

China, segundo comunicação enviada pelo país à OIT, o maior número de O número de enfermidades profissionais é provocado pela exposição ao pó; a Argentina comunicou à OIT que o maior númetrabalhadores afastados ro de casos refere-se aos transtornos por motivos de saúde músculo-esqueléticos e patologias respiratórias. O Japão, que as patologias nas principais atividades mais frequentes são na região lombar e econômicas de Santa pneumoconioses, assim como um número significativo de indenizações por Catarina é 48% maior do transtornos mentais provocados pelo que a média nacional. trabalho. O Reino Unido, com maior número de pneumoconioses e osteoar-Os setores que mais trites. Os Estados Unidos informaram registraram afastamentos à OIT, em 2011, que os transtornos de saúde mais frequentes são problemas por doença nos últimos na pele, perda de audição induzida anos foram o de pelo ruído e patologias respiratórias. carnes, seguido pelo

Outra informação que o documento menciona, é que dos 27 Estados membros da União Européia, os transtornos musculo-esqueléticos (TME) são

os transtornos de saúde relacionados ao trabalho mais comuns e que os TME, incluindo a síndrome do túnel do carpo, representam 59% de todas as enfermidades profissionais reconhecidas que envolvem as estatísticas européias sobre enfermidades profissionais, em 2005. O documento traz a informação,

ainda, que em 2009, a Organização Mundial de Saúde – OMS, assinalou que mais de 10% de todos os anos perdidos por incapacidade correspondem a casos de TME; que na República da Coréia, os casos de TME aumentaram 70,3%, de 2001 a 2010 e no Reino Unido, somente no período de 2011-2012, os TME representam em torno de 40% de todos os casos de enfermidades relacionadas com o trabalho, notificados. Ainda, que há estudos que relacionam o estresse com as patologias músculo-esqueléticas, cardíacas e digestivas, assim como graves transtornos cardiovasculares. Que a crise econômica e a recessão está levando a um aumento de estresse, ansiedade, depressão

O único objetivo

passa a ser a produção.

O humano fica de lado.

A solidariedade não é

uma preocupação com

o sofrimento do outro,

mas uma preocupação

no sentido que o outro

esteve ausente no local

presente para produzir"

do trabalho, e não estava

e outros transtornos mentais relacionados com o trabalho, provocando, inclusive, em alguns casos, o suicídio.

Na Alemanha, onde estive este ano, para realização de estudos do doutorado, país considerado modelo de sociedade desenvolvida e justa, também há problemas nas relações de trabalho, com adoecimento dos trabalhadores. Em diálogo com Stephan Voswinkel, sociólogo que trabalha com pesquisas relacionadas ao trabalho, no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, faz uma leitura do mundo do trabalho a partir de uma perspectiva sócio-liberal. Relatou como se dão as relações de trabalho na Alemanha, a partir de suas obser-

Alemanha, a partir de suas observações e pesquisas com trabalhadores que tem síndrome de burnout e sofrem de depressão. Não faz análise física das doenças, somente análise psicológica. Relatou que os trabalhadores não assumem sua doença psíquica, não reconhecem isto, em função de que podem ser ridicularizados pelos colegas de trabalho ou chefia. Muitos dos trabalhadores pesquisados trabalham muito, batem o cartão e voltam a trabalhar. Quando afastam-se para fazer tratamento em alguma clínica, no retorno, dizem que estavam de férias, para não serem ridicularizados pelos colegas. "Autosubjetivação repressiva", do silêncio, silenciando seus sentimentos, tornando este silêncio uma pressão psicológica, tendo como conseqüência a depressão.

Em outro diálogo realizado com Hermann Kocyba, igualmente sociólogo que trabalha com pesquisas no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, nos foi relatado um paradoxo vivido pelo trabalhador na Alemanha: de um lado tem que ser criativo, produtivo e por outro lado, não pode expressar a espontaneidade para ninguém. Falou sobre a falsa solidariedade que os colegas demonstram, pois, pelo fato de se ausentarem por problemas de saúde, são cobrados por sobrecarregar os demais. Não é mais o chefe que faz cobranças e sim os colegas de trabalho, pelo sistema de trabalho por produção da equipe (célula). Há uma solidariedade aparente, falsa solidariedade. O único objetivo passa a ser a produção. O humano fica de lado. A 'solidariedade' não é uma preocupação com o sofrimento do outro, mas uma preocupação no sentido que o outro esteve ausente no local do trabalho, e não estava presente para produzir. Disse que não há estatísticas das doenças, mas as doenças físicas são conseqüência, ou tão somente, psicosométicas. A firmou que os trabalho doras co fram assódio moral

máticas. Afirmou que os trabalhadores sofrem assédio moral

Segundo Lazzarato, "há dez anos a Alemanha promove políticas de flexibilização e de precarização do mercado de trabalho e de rígidos cortes no Estado social.[...] as misérias do modelo alemão que a troika (Europa, FMI e Banco Central Europeu) está impondo a todos os países europeus. Entre 1999 e 2005, o governo "vermelho-verde" de Schröder levou adiante esta ideia, apoiando-se no slogan "Fördern und fordern" (promover e exigir), quatro reformas através das Leis Harzt, da assistência ao desemprego e do mercado de trabalho, uma mais catastrófica do que a outra".

Voltando ao nosso espaço local, o número de trabalhadores afastados por motivos de saúde nas principais atividades econômicas de Santa Catarina é 48% maior do que a média nacional. Segundo levantamento feito pela UFSC e UNIVA-LI, encomendado pelo Ministério Público do Trabalho no Estado, os setores que mais registraram afastamentos por doença nos últimos anos foram o de carnes, seguido pelo têxtil e o comércio

Em outro levantamento de dados feito pelo juiz do trabalho de Araraquara/SP, José Antonio Ribeiro de Oliveira Silva, em sua tese de doutorado, Blumenau é a 5ª cidade do país com maior número percentual de trabalhadores com doença ocupacional e a 4ª cidade do país com maior número percentual de doenças ocupacionais não declaradas – problema da subnotificação.

Todos estes números e muitos outros nos fazem constatar que alguma coisa está errada em nossa cidade e em nosso estado, pois há um número significativamente maior de pessoas adoecidas. O ritmo exagerado do trabalho, o assédio moral e a falta de valorização do ser humano são um paradoxo neste sistema capitalista, que é anunciado como produtivo, que valoriza as competências, que oferece oportunidades para todos alcançarem uma vida melhor e mais digna, mas que está levando a humanidade ao adoecimento.

Esta é uma questão para pensar!

O touro e urso em frente da bolsa de valores de Frankfurt, símbolos do capitalismo x socialismo. Foto tirada em fevereiro deste ano por Elsa



"O SINSEPES TEVE UM PAPEL IMPOR-TANTE EM DIVERSOS MOMENTOS E REAGIU A DETERMINADAS MEDIDAS"

A chapa Desafio, União e Força, liderada pelo professor Ralf Ehmke que tem como vice, o servidor técnico administrativo Luiz Donizete Mafra venceu a eleição do Sindicato dia 7 de outubro, com a responsabilidade de comandar a entidade de 2015 a 2017. Conheça as prioridades do grupo na entrevista abaixo.

Expressão Universitária - Como o sr avalia o resultado das eleições do Sinsepes?

Ralf Ehmke - Seguiu a tendência que estávamos observando em relação as eleições que ocorreram em toda a universidade a partir de junho nas Unidades - com apenas duas exceções - no qual os candidatos apoiados pela situação também foram eleitos e o cenário se repetiu com uma chapa única nas eleições para a Reitoria. Poucas mudanças nesse quadro dá a entender que há um grau de aceitação mais geral da direção que a universidade tem tomado ou em determinada expectativa de uma direção que tome no futuro. Qual a razão disso? Talvez em função de um período de grande turbulência e incerteza que ocorreu até o início desse começo de década com redução significativa do número de alunos, endividamento crescente, projetos não concluídos, falta de diálogo e ameaças constantes às condições de trabalho então existentes. O SINSEPES teve um papel importante em diversos momentos e reagiu a determinadas medidas que por falta de ação administrativa e planejamento acabaram recaindo sobre o servidor, que representa a fração mais significativa dos desembolsos de caixa, mas que é o ativo que mantém a universidade. A compreensão desse quadro não exime, porém que o SINSEPES atue de uma forma propositiva em muitos pontos que ficaram para trás e portanto há uma agenda a ser cumprida. A diretoria eleita está também ciente disso e coesa com essa tarefa. Integramos novos diretores que estavam dispostos a participar dessa próxima gestão.

Expressão - O número total de votantes - 132 - é um indício da dificuldade de trazer os servidores à participação das atividades?

Ralf - É natural que na situação de uma chapa única a presença às eleições seja menor do que em uma disputa com mais concorrentes. No entanto fizemos o material de campanha impresso e digital e percorremos os setores convidando os servidores a participar. Tivemos nesses últimos meses novos filiados decorrentes dos concursos recentes que foram realizados, mas de acordo com o atual estatuto que prevê a filiação de no mínimo seis meses eles não puderam estar aptos nessa eleição. Estavam aptos 496 eleitores e dentre esses 86 inativos, cujo contato direto é um pouco mais difícil, sendo que também vários não residem mais na cidade. O local de votação ficou concentrado somente no Campus I e isso não facilitou o comparecimentos dos servidores que trabalham nos outros campus. Recomendamos na próxima eleição uma urna móvel ou a ampliação dos locais de votação.

Expressão - Um dos compromissos assumidos na campanha foi avançar nas

conquistas dos servidores. De que maneira o sr pretende colocar isso em prática? Ralf - O momento clássico da dis-

cussão de todos os assuntos ocorre no

mês da data base quando a atenção e interesse acabam se concentrando muito no reajuste salarial e na reposição de perdas. Comumente sobre várias questões há um encaminhamento para uma negociação posterior em função da necessidade de alterar resoluções e leis em vigor. Nesse sentido as reuniões calendarizadas são fundamentais para que essa agenda esteja em comum acordo estabelecida para reuniões do CONSUNI - é conselho mais importante dessas decisões - bem como nas assembléias extraordinárias do SINSE-PES. Em alguns processos nessa gestão o SINSEPES teve que pedir vistas para discutir com a categoria e reencaminhar o tema para nova deliberação. Acredito que nesses momentos conseguimos melhorar a proposta inicial ouvindo os servidores e obter um entendimento adequado para uma votação decisiva. Outro canal é a participação efetiva do SINSEPES em conselhos, comissões e comitês internos e externos. Atualmente o SINSEPES ocupa a vice-presidência do conselho de administração do ISSBLU e uma representação do Comitê de investimentos, portanto atuamos também em assuntos de interesse dos servidores inativos e os informamos através de nossos meios de comunicação, um deles o nosso jornal Expressão Universitária que lhes é enviado mensalmente. Outro canal é pelo atendimento através da assessoria jurídica do SINSEPES que orienta o servidor e tem como diretriz resolver problemas pontuais administrativamente pelo diálogo, quando somente for necessário recorrer a esfera judicial. Estabelecemos um diálogo conjunto com o SINTRASEB que representa a categoria dos servidores públicos de Blumenau apresentando apoio mútuo em questões convergentes para ambas as categorias. Nossa participação no Fórum dos Trabalhadores de Blumenau-FTB que congrega onze sindicatos da cidade tem sido fundamental para fortalecer a formação sindical e a comunicação com os problemas setoriais que são distintos mas que encontram nesse espaço uma comunhão em prol dos assuntos de interesse dos trabalhadores. Nesse sentido construímos parceiras para que os programas Cidadania em Debate da TV FURB e pela da Radio Comunitária da Fortaleza - mantida em conjunto com o FTB-, sejam espaços para temas serem tratados de forma independente. O SINSEPES possui 80 horas semanais estabelecidas em Lei a serem distribuídas para dez diretores, situação que acaba concentrando muito de suas atividades para o presidente e vice-presidente em suas representações. No passado eram 120 horas que podiam ser mais bem distribuídas para uma atuação mais efetiva em áreas que tratem da redução de conflitos no

trabalho, atendimento e saúde do trabalhador que é um tema emergente. Acreditamos que um sindicato de uma organização única sem proprietário, mas sim de alguns eleitos pelo voto dentro da própria instituição seja um pouco diferente do que a natureza dos demais sindicatos que conhecemos, até mesmo de sindicatos que possuem uma condição pública de fato e não híbrida como a nossa. O SINSEPES é uma entidade que possui também um papel de fiscal desse voto que foi depositado por cada servidor, sabendo que os maiores desafios que se apresentam estão mais no ambiente externo à FURB do que internamente nela própria, pois a universidade é um ambiente de profusão de ideias heterogêneas e isso é muito salutar mas ao mesmo tempo um desafio para administrá-la. Portanto cada conquista do servidor negociada tem dois vieses: ser amadurecida no seu entendimento e ser viabilizada para sua perenidade.

Expressão - Como anda o encaminhamento sobre a nova sede do sindicato?

Ralf - Sobre esse assunto, a reformulação dos espaços físicos da FURB requereu a liberação da construção ocupada pelo SINSEPES ao lado do antigo Ambulatório da FURB. O projeto prevê a construção das instalações do curso de arquitetura – (administrativa e salas de aula). Apresentamos da mesma forma que o DCE da FURB a partir dessa solicitação a indicação do novo local. Duas opções foram apresentadas – o local anexo à cantina e restaurante universitário no Campus I e salas no Edifício Cristiane - próximo ao DAC - em negociação com a FURB. O DCE da FURB já realizou a mudança para o Bloco L em função da ampliação necessária do restaurante e o SINSEPES aguarda ainda resposta.

Expressao - Qual são os principais desafios da Furb na sua avaliação?

Ralf - O cenário de encolhimento da FURB ocorrido do final dos anos 90 e ao longo de 2000 foi um alerta de que não estamos mais sozinhos nesse quadro e muitos subestimaram os resultados do que estava ocorrendo e qual seria o impacto. No ensino presencial houve uma redução do número de novas instituições de ensino privado, várias fecharam suas portas e outras foram compradas por grandes grupos educacionais capitalizados mas que investiram nos cursos de baixo custo. Houve uma consolidação desses movimentos que configurou de acordo com o último censo educacional disponível a participação do setor privado de 73% do total de 7 milhões de matrículas dos cursos de graduação superior, isso incluindo o ensino à distância ainda com uma participação de 16% (1.113 mil matrículas). No geral de 2011-2013 o crescimento médio foi de 4,4% enquanto que nas instituições públicas foi de 7%. O pico desse crescimento recente

aconteceu a partir da metade do ano de 2009 com as novas taxas de financiamento do FIES que foram reduzidas para 3,5% ao ano em termos nominais. O crescimento dispara de pouco mais de 2% para 6,5% ao ano no ensino particular paralelamente a expansão do ensino público que sai de -2% em 2009 para uma taxa média de crescimento de pouco menos de 8% ao ano a partir de 2010. Os números mais recentes mostram um crescimento ano a ano menos intenso. Estatísticas de 2013 mostram que as curvas de crescimento entre instituições públicas e que se mantiveram mais altas até 2012 - e instituições privadas se inverteram novamente (6,99% para 1,89% e 4,49% para 3,81%). O que esses números significam? Que a expansão do ensino público será menos intensa do que foi no privado, mas que a natureza dos cursos ofertados é diferente. Adequar o cenário nacional para o regional é uma tarefa de monitoramento do ambiente externo que afeta nossas projeções, pois alguns atores estão mudando também suas estratégias como as instituições do sistema S, e os IFTs que também ocupam de forma crescente espaço dessa demanda oriunda do ensino médio, cada um com suas características. Se contarmos apenas a tendência do número de concluintes do ensino médio essa curva é descendente em função da redução da taxa de natalidade ocorrida nos últimos anos e a única alternativa de expansão consiste em melhorar a proporção dos concluintes que optam por um curso superior, que ainda é baixa e temos espaço para aumentá-la. Dependerá das futuras condições econômicas vigentes, condições de financiamento e percepção da importância da educação para o mercado de trabalho. É nesse sentido que a FURB precisa ser eficiente para estar em sintonia com essas transformações e conseguir transmitir ao seu público e a comunidade de seu valor concreto de qualidade percebida. Isso pode requerer mais investimentos e um aumento do custo unitário por aluno em alguns cursos que precisam ser contrabalançadas em outras áreas de atuação onde a eficiência de escala e uso de tecnologias que permitam aumentar a receita sem impactar tanto no custo unitário médio e uma política acertada de seus pre-

no passado que as consequências eram contornadas, hoje esse luxo não mais existe. A tendência do ensino à distância foi subestimada pela FURB mesmo que ela tivesse dado os primeiros passos ainda na década de 90 pois muitos entenderam isso como complementar do ensino presencial de graduação sendo considerada porém de qualidade inferior e não substitutiva. Como toda tecnologia emergente ela encontrou mais defeitos do que virtudes aparentes e resistência de professores e estudantes, mas a tendência se revelou mais do que isso, pois permitiu unir demandas distantes territorialmente em torno de necessidades de conhecimento específicos que seriam muito difíceis de reunir presencialmente. A constante necessida-

de de atualizar conhecimentos profissionais tem muito espaço nessa área e com qualidade sem misturar credibilidade nos programas pois o que se viu foram vários formatos e muitos de qualidade duvidosa. Instituições renomadas a exemplo do MIT- Massachusetts Institute of Technology possuem programas de atualização à distância que atingem estudantes localizados internacionalmente independente da barreira

do idioma. De acordo com a Associação Brasileira de Ensino à Distância, se somarmos os cursos de curta duração corporativos ou não, curso livres, sequenciais, pós--graduação o número de matrículas em 2013 ultrapassou os 4 milhões, um crescimento espantoso de que chegou a registrar um aumento de 58% de 2010 a 2011. O que permitiu também essa expansão? Na metade desse ano o número de acessos em banda larga no Brasil chegou a 156 milhões em maio, o que representou um crescimento de 51% em relação ao mesmo mês do ano passado. Segundo levantamento da Associação Brasileira de Telecomunicações (Telebrasil), nos últimos 12 meses, 53 milhões de novos acessos foram ativados. A banda larga móvel, pelas redes de 3G e 4G, liderou a expansão dos acessos à internet, chegando em maio a 132,6 milhões de conexões, com 62% de crescimento em relação a maio de 2013, o Brasil é um dos países onde os acessos à internet mais cresce e isso era uma barreira tecnológica existentes nos primeiros anos do ensino a distância. Qual o desafio da FURB mesmo chegando atrasada agora com grandes grupos que

estão firmados nesse segmento? Entrar se espelhando nas estratégias das instituições menores que oferecem um EAD de qualidade e dentro de necessidades não totalmente atendidas. É difícil? Sim é necessária uma inteligência de mercado para acompanhar isso e não praticar o feijão com arroz. Vejo que a atual política da FURB não alcança esse objetivo pois é necessário a formação de uma equipe técnica que atualmente embora pequena é competente mas que enfrenta a principal barreira que é o professor do ensino presencial que está preso a esse sistema bem como as condições dadas para

construir isso e que atualmente atende apenas pontualmente essa demanda. São equipes distintas, pois é necessário formar professores e monitores contratados especificamente para essa tarefa de planejamento e execução. Pois caso contrário o projeto vai caminhar muito lentamente.

O cenário de encolhimento da FURB. ocorrido do final dos anos 90 e ao longo de 2000, foi um alerta de que não estamos sozinhos nesse quadro e muitos subestimaram as consequências do que estava ocorrendo e qual seria o impacto. No ensino presencial houve uma reducão do número de novas instituições de ensino privado





CEMITÉRIO: MUSEU A CÉU ABERTO UM NOVO OLHAR AO CAMPO SANTO

<u>POR MARIA HELENA DOS SANTOS MORATELLI E RAQUEL BRAMBILLA</u>

As autoras são historiadoras - rachel.brambilla@yahoo.com.br

s cemitérios comumente são vistos pela sociedade como espaços mórbidos e desoladores, lugares que povoam histórias de crenças populares, com elementos sobrenaturais e supersticiosos. Uma nova forma de significar estes locais está tomando configuração. Historiadores, antropólogos, artistas visuais, atores, arquitetos e pesquisadores em geral estão chamando a atenção da sociedade para estes espaços, pois são repletos de significados religiosos, sociais, étnicos, políticos e culturais. Tornaram-se, com o passar do tempo, "uma instituição cultural (...) um sentido de continuidade histórica e raízes sociais" (ARIÈS, 1982, p. 570 e 579).

A pesquisa intitulada: "Cemitério: museu a céu aberto – Um novo olhar ao campo santo" sugere um novo olhar ao público para o espaço dedicado aos mortos e analisa a possibilidade de musealização dos cemitérios até então não classificados na tipologia dos espaços museais.

A sociomuseologia defende a musealização de locais com todas as suas complexidades sociais, políticas, religiosas, patrimônios tangíveis e intangíveis e não somente objetos descontextualizados, despertando dessa maneira uma história completa, um conjunto de informações que dão sentido mais sensível ao patrimônio.

Os cemitérios são espaços nos quais se revelam memórias, histórias, ritos e obras que fazem parte da história das cidades. Passam a ser considerados museu a céu aberto, uma vez que são locais de contemplação, reflexão e questionamentos. Constituem-se, enfim, espaços repletos de significados e representações que nu-

trem a imaginação daqueles que os visitam. Ali, nos riscos das pedras, revela-se o dinamismo de um povo.

1 - CEMITÉRIO: A CIDADE DOS MOR-COS

No decorrer dos tempos, cada civilização procurou uma solução para os seus mortos. A morte sempre foi um problema para o homem, pois supostamente é o único ser vivo que sabe que um dia morrerá. A consciência e a recusa da finitude causa o sentimento profundo de impotência. Esse fim não é transferível, é individual e o homem tem em si o desejo de sentir-se imortal.

É possível que desse desejo derive a preocupação com a conservação do corpo do morto, seja por meio da mumificação, da cremação ou dos rituais mais diversos. Esse ato visa também à preservação da identidade, da união das famílias e das comunidades, condição que leva à necessidade de definir espaços para depositar seus mortos. Primitivamente usava-se qualquer espaço. Após o advento do catolicismo, o enterramento começou a ser praticado nos interiores das igrejas, pois "A igreja era uma das portas de entrada do Paraíso" (REIS,1991).

O acúmulo dos mortos no interior das igrejas católicas, mais precisamente na França, na segunda metade do século XVIII, passou a ser inaceitável para a população definida como esclarecida por Philippe Ariés (2011): "Aquilo que durava há quase um milênio sem provocar reserva alguma já não era suportado e se tornava objeto de críticas veementes." Apresentouse a questão do comprometimento da saúde pública devido aos miasmas provenientes das

fossas situadas no interior das igrejas. Libertar-se deste antigo costume não foi uma solução pacífica nem tarefa fácil para a população, pois, afinal, tratava-se de um hábito que vinha sendo cultivado por muitas gerações.

Sandro Blume (2010), em sua dissertação, apresenta uma visão geral dos cemitérios na região onde atualmente é a Alemanha. No final do século XVIII e início do séc. XX esses espaços também sofreram modificações higienistas, sendo banidos do centro das cidades. A precariedade da higiene chegou a um ponto intolerável de convivência. As inumações não respeitavam o tempo necessário para remoção do cadáver, misturando tudo em valas comuns, fossas abertas, depósitos, deixando no ar os gases pútreos, além dos miasmas que escorriam pelos arredores dos locais de depósitos dos defuntos. O autor ainda descreve, baseado em suas leituras, que em Düsseldorf, grande quantidade de ossos podiam ser encontrados a apenas alguns centímetros abaixo do solo. O processo de deterioração causava mau cheiro. O relato de um comerciante expõe as condicões calamitosas reinantes em 1810 na pequena cidade de Versmold, na Westfália Oriental. (WESTHEIDER, Rolf, Kein Platz Für Leichen, trad.Sandro Blume). "Que visão ultrajante compartilhamos quase todas as semanas no nosso cemitério. Caixões que ainda estão intactos são escavados e ossos de nossos antepassados jogados fora. "Tudo isso apenas para obtenção de um novo acento no cemitério." (BLUME, 2010).

Segundo Carlos Alberto Cunha de Miranda, em seu artigo "Da polícia médica à cidade higiênica", o processo de mudança nos costu-

mes funerários, na Europa, fundamentaram-se nos princípios higienistas escritos e publicados por Johann Peter Frank, médico sanitarista alemão (1779-1819), pioneiro na preocupação sanitária da saúde pública, desde a medicalização da casa, do corpo, até a morte. A partir de então criaram-se regras para o destino final dos corpos, como a obrigatoriedade de se fazer o enterramento, a necessidade da sepultura individual e a utilização da regulamentação de serviços funerários, independente da religião. A localização dos espaços cemiteriais deveria ser em lugares altos, bem arejados, com ruelas bem arborizadas para ajudar a filtrar o ar. Os ventos deveriam mover-se ao contrário das cidades, para que possíveis odores não prejudicassem os moradores. Sendo este o início do conceito de cemitério que é mantido ainda no século XXI. (BLUME, 2010).

Surge, assim, um novo espaço na cidade, com a função de banir os mortos em nome da higiene: o Cemitério. Termo de origem grega que o cristianismo adotou, originário da pala-

KOIMETÉRION, que se referia ao lugar onde se dormia. "Adotando o termo, a Igreja Católica lhe conferiu um sentido próprio, ou seja: 'descanse em paz' após a morte, onde se espera a ressurreição [...] (REZENDE, 2007).

Os costumes de sepultamentos no Brasil não eram diferentes dos europeus: valas comuns, inumações ao redor e dentro das igrejas, costume este trazido pelos colonizadores portugueses. No ano de 1828, a corte portuguesa instituiu, por meio de documento, o cumprimento de normas em suas colônias, alertando sobre o perigo de doenças provocadas por enterramentos desordenados (SILVA, 2000). A norma deixava clara a necessidade da urgência da delimitação de espaços para o enterramento e que fosse permitido a qualquer família a construção de sepulturas. Apesar de haver uma legislação nacional desde o ano 1828 que proibia a prática do ritual de enterramento no interior das igrejas, esse costume ultrapassou o século XIX. Tem-se informações, como evidenciam as imagens abaixo, que no ano de 1914 essa prática ainda persistia na Bahia:

Sepultamento no interior das igrejas – Salvador / BA Fonte: Maria Helena dos Santos Moratelli / BA 2011.

Sepultamento no interior das igrejas – Salvador / BA Fonte: Maria Helena dos Santos Moratelli / BA 2011.

No Brasil, inúmeras foram às manifestações de protesto contra sepultamentos fora das igrejas, contudo a lei foi aos poucos sendo cumprida e passou-se gradativamente a utilizar o espaço fora dos templos religiosos, local antes destinado àqueles que não eram batizados, acatólicos, suicidas, escravos e os católicos que não podiam pagar pelo sepultamento dentro das igrejas. O cemitério começa a se formar e, lentamente, é marcado pela ostentação de diferenças, bem como de convívio social. Cabe salientar que os campos santos como conjunto de sepulturas,

3 Lei de 1º de Outubro de 1828 (art. 66 parágrafo 2°), promulgada por D. Pedro I (Borges, 2006 p. 2)

em terras brasileiras tiveram sua origem nas mãos dos religiosos das Ordens Terceiras que eram associações de leigos católicos em torno de seu padroeiro.

O início do século XX é marcado pela Bélle Époque, período de profundas transformações culturais que se traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano. Os padrões de embelezamento das cidades europeias refletiam-se no Brasil, por influência de viajantes, médicos, políticos, estudantes de classes mais ricas que traziam de suas viagens imagens mais agradáveis da urbe europeia. Começava-se a perceber a importância da higiene, do saneamento, da iluminação, dos jardins e, principalmente, a necessidade de afastar da cidade a visão, os odores desagradáveis e perniciosos dos mortos.

Surge, dessa forma, o cemitério geral desprovido de imposições éticas, sem o mínimo de sentimento coletivista. É nesse momento que a forma de perpetuação da memória do morto começa a se destacar por meio da construção e ornamentação do túmulo, pelas inscri-

ções nas lápides carregadas de sentimentos e fantasias da imortalidade e pela localização do enterramento. (SILVA, 2000, p 579-582).

1.1 -OS PRIMEIROS CAMPOS SAN-TOS DA COLÔNIA BLUMENAU

Diferentemente das cidades brasileiras fundadas anteriormente, a colônia Blumenau demarcou o espaço para o enterramento dos seus mortos desde o seu início. Seu fundador Hermann Bruno Otto Blumenau, influenciado pelo modelo higienista europeu, estabeleceu no alto de uma colina o campo santo que atenderia toda a população da colônia, não importando o credo que a família professasse.

Quando Hermann Blumenau fundou a colônia, assumiu perante os imigrantes o compromisso de proporcionar-lhes assistência religiosa. A questão principal não era somente o conforto espiritual, mas encontrar soluções para os problemas que apareciam de forma inesperada, como a morte. Como proporcionar ao falecido um enterramento digno se não havia na colônia um pastor, um padre e muito menos um espaço próprio para o sepultamen-

Diversas foram as trocas de correspondências entre o diretor da Colônia Blumenau e o Presidente da Província de Santa Catarina, onde Hermann Blumenau deixava clara a necessidade da presença de um religioso na colônia, bem como a delimitação de um espaço destinado aos mortos. Dizia: "[...] os colonos que moram mais distantes [...] pela absoluta necessidade física de enterrar os seus defuntos, enterram em seus lotes de terra como infelizmente e repetidamente foi indispensável." (BLUME-NAU EM CADERNOS,1981, p. 283).

A demora para a chegada de um religioso à colônia foi de aproximadamente sete anos. O primeiro culto evangélico com prédica, foi celebrado pelo pastor Rudolph Oswald Hesse, no barração que abrigava os imigrantes. Logo após foi providenciado um lote de terras para a construção de um espaço destinado à religiosidade dos colonos. Criou-se então, o primeiro cemitério da colônia Blumenau, destinado ao enterramento dos imigrantes luteranos e católicos.

"Dr. Blumenau tratou [...] da construção da casa pastoral, [...]. Ao mesmo tempo da construção de um templo provisório, onde pudessem ser realizados os cultos, ficando uma parte do terreno reservado para o cemitério." (LIVRETO DO 1º CENTENÁRIO DA CO-MUNIDADE EVANGÉLICA

DE BLUMENAU, 1957,p.6)

Apesar dos luteranos representarem a maioria populacional na colônia nos meados do século XIX, o representante da igreja católica Pe. Alberto Gattone, Pároco da Igreja São Pedro Apóstolo, de Gaspar, que atendia os imigrantes católicos da Colônia Blumenau, insistia sobre a necessidade de criação de um cemitério para os seus fiéis. A autorização do Presidente da Província para a construção do cemitério católico data do ano de 1862, "[...] para que se proceda os trabalhos do cemitério católico nesta povoação" (CARTA – FREGUESIA DE SÃO PE-DRO APÓSTOLO, 15/08/1862).

No ano de 1865 houve a benção da capela católica e a realização da primeira missa. A partir daquela data, os fieis católicos passam a ser sepultados em torno da capela, conforme mostram os registros do Livro de Óbitos da Igreja Matriz4 Fontes indicam que o segundo cemitério a ser demarcado nos lotes colônias, foi o Cemitério São José.

Em pesquisa realizada no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, foi encontrada uma pequena descrição do Cemitério São José, quando ainda se localizava próximo da Igreja Católica.

"[...]o morro da igreja católica me atraía. A bela construção em estilo gótico se erguia na parte da frente desta elevação. [...]O cemitério ficava aos fundos da igreja e na parte mais elevada destacava-se uma cruz. [...] Quantas vezes caminhei por entre as sepulturas, nas quais floriam lírios brancos e trepadeiras de erva vermelha. Nos túmulos havia pequenas cruzes de madeira[...]a5(STUTZER, 2002, p.27)

Na década de trinta, durante as reformas e ampliações do templo católico, o cemitério foi retirado transferido para a Rua São José, onde

se encontra atualmente.

Referências Bibliográficas:

ARIÈS, Philipe. O Homem diante da morte. Rio de janeiro: Francisco Alves, Vol. II, 1982. BELLOMO, Harry R (org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

BLUME, Sandro. Morte e Morrer nas colônias alemães do Rio Grande do Sul: recortes do cotidiano. 2010. 291 f. Dissertação (Mestrado) Curso de História, Departamento de Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

BLUMENAU EM CADERNOS. 2001, Tomo XLII, nº 9/10, P.20-23.

BONITO, Ana Maria Rodrigues. Ecomuseologia : Proposta de Ecomusealização para o Conselho da Ponta do Sol. 2005. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia, Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Geografia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2005.

BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil (1890-1930) oficio de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002.

COSTA, LUCIO. Compromisso de Brasília. 1970. Disponível em: portal iphan.gov.br/ portal/baixa.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e comunicação. Lisboa: ULHT,1996. 116. (Cadernos de Sociomuseologia).

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. A antiguidade clássica na representação do feminino: Pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930).2009.256 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Departamento de Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CASTRO, Elisiana Trilha.Hier Ruth in Gott: Inventário de cemitérios alemães da Região da Grande Florianópolis. Florianópolis: Nova Letra, 2008.

ELUSTA, Halima Alves de Lima. Visita ao museu de pedra: arte no Cemitério da Saudade de Campinas - SP (1881-1950). 2008. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

GRASSI, Clarissa. Um olhar... A arte no silêncio. Curitiba: Fundação Cultural de In: A Construção do Pensamento Museológico Contemporâneo.

MICHELOTTI, Denise. Arte em vitrais: a salvaguarda, a extroversão e a sociomuseologia. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia, Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha de. Da polícia médica à cidade higiênica. Disponível em http://www.ufpe.br/proext/images/pu- blicacoes/cadernos de extensao/saude/policia.htm>. Acesso em: 18 dez. 2013.

MORATELLI, Maria Helena dos Santos. Ritos funerários em Blumenau: década de 40 século XX. 2008. 53 f, il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2008.

MOUTINHO, Mário. "Museus e Sociedade". Monte Redondo - Portugal Museu patrimônio cultural. São Paulo: CONDEPHAAT/ Ed. Brasiliense, S.A., 1994.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX, São Paulo, Cia. Das Letras, 1991.

REZZENDE, Eduardo Morgado. Cemitérios. São Paulo; editora Necrópolis, 2007.

STUTZER, Therese. Carta de famílias. Blumenau em Cadernos, Blumenau, t. XXXIX, n.5,p.7-15, maio 1998.

VALLADARES, Clarival do Prado. Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura - Departamento de Imprensa Nacional, 1972.2v.

1º Centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau. 1957.



CURTAS

CINE SESC EXIBE CLÁSSICOS DO CINEMA MUNDIAL NA FURB

A comunidade acadêmica e externa da FURB tem um apelo a mais para contemplar a sétima arte. Todas as quartas-feiras a universidade em parceria com o SESC promove sessões gratuitas de clássicos da história do cinema mundial. As exibições do Cine Sesc acontecem em duas sessões, as 12h30 e as 19h, no Auditório do Bloco J, no Campus 1 da FURB. A entrada é gratuita. Confira a programação para os meses de novembro e dezembro. Programe-se!

NOVEMBRO

Dia 12

GERMINAL. Direção de Claude Berri. 1993. (160 min.)

Dia 19

ESSES amores. Direção de Claude Lelouch. 2010. (119 min)

Dia 26

MONTEIRO Lobato: furacão na botocúdia. Direção de Roberto Elisabetsky. 1998. (55 min.)

DEZEMBRO

Dia 3

NOSFERATU. Diretor Friedrich Wilhelm Murnau. 1922. (81 min)

Dia 10

JANOWITZ, Hans. O gabinete do Dr. Caligari. Direção de Robert Wiene. Roteiro de Carl Mayer. 1919. (52 min).

ESCRITORA ROSANE MAGALY MARTINS NA FURB LANÇA NOVA OBRA

A escritora e advogada Rosane Magaly Martins lançou dia 14 de outubro na FURB o novo livro "FÁLICAS", que reúne 29 narrativas secretas de homens e mulheres. O salão Angelin da biblioteca foi palco para o evento que reuniu lideranças culturais e a comunidade acadêmica. Rosane foi entrevistada no programa do SINSEPES na FURB TV, o Cidadania em Debate, e explicou que é o seu primeiro livro de narrativas, que levou três anos para reunir e escrever as histórias reais de pessoas, para a produção das fotografias em preto e branco (Ana Maria Bacca) e desenvolvimento do projeto gráfico (publicitário Valério Alves).

Apesar de ter um conteúdo voltado para o leitor adulto, a obra não é erótica, mas cercada de sensualidade, Rosane explica que "as histórias de FÁLICAS emprenharam-me e se desenharam pelo avesso. Cerzi-as por dentro, até que pudessem ser retiradas como algo novo, alimentadas pelo anonimato do sofrimento não revelado".

TEMPO QUE NÃO DEVE SER ESQUECIDO

Por Raquel Tamara Bauer - acadêmica do segundo semestre do curso de Jornalismo da FURB

Roseméri Laurindo, ganhadora do prêmio Luiz Beltrão de 2014, escreve livro contando como a prática do jornalismo era punida durante a ditadura militar.

Coincidentemente, o lançamento do livro "Al-5 na academia — O manual do lead, usado pelos golpistas de 1964 para punir o ensino de jornalismo", de Roseméri Laurindo, coordenadora do curso de jornalismo da Furb, aconteceu na mesma data, 27 de outubro, em que há 39 anos atrás, era enterrado o corpo do jornalista Vladimir Herzog, morto dois dias antes por militares durante a ditadura. Foi mencionando este fato que a escritora iniciou suas falas: "Eu quero lembrar que neste mesmo dia,

Vlado Herzog era enterrado, depois de ter sido torturado e morto", disse Laurindo.

O lançamento aconteceu no auditório do bloco J da Furb, onde se reuniram professores e estudantes de jornalismo, o escritor Itamar Aguiar e o reitor João Natel, que escreveu o prefácio do livro. O livro conta, em especial, a história do doutor em jornalismo, José Marques de Melo e como o ato institucional número cinco, foi usado nas academias, para punir jornalistas, professores e estudantes. Marques de Melo foi perseguido e monitorado durante anos por militares, sendo, em 1974, demitido de forma irregular da USP (Universidade de São Paulo) onde era professor. O que acabou lhe levando para os Estados Unidos fazer pós-doutorado.



Em depoimento para Roseméri, Marques de Melo disse que se não tivesse ido viajar, estaria morto como Vlado Herzog.

Além de depoimentos como os de José Marques de Melo, o livro ainda traz relatos de Etevaldo Siqueira, comentarista da CBN e primeiro colocado no primeiro vestibular (1966) de jornalismo da USP, cópias de documentos do SNI (Serviço Nacional de Informação) e do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), modelos de leads e transcrições como a que o ministro da justiça Alfredo Buzaid, em 1972, declara que a USP é o principal foco de agitações.

Durante uma fala, Roseméri Laurindo questiona: "Porque existem interessados no ocultamento da memória?". E ela explica: "há setores que preferem o conforto da manipulação do passado, do que a consciência de assumir erros para libertar o futuro de todos. Com certeza é conflituoso para quem se sente em sintonia com o autoritarismo", falou a escritora.

A noite ainda contou com o lançamento do livro "Confecom — Os interesses em jogo", de Itamar Aguiar. Baseado na conferência de comunicação de 2009, o livro trata de mídia em 14 capítulos. Entre os quais sete falam especificamente sobre a conferência e políticas de comunicação e sobre a presença e a ausência de setores empresariais no evento.

O estudante de jornalismo da Furb, Lucas de Amorim, comenta: "eu achei o tema dos livros bem interessante, é de muita importância um jornalista saber todas as dificuldades que a profissão já passou e os livros nos trazem isso", diz Lucas.

SEMINÁRIO O OUTRO LADO DA BARRAGEM NORTE: IMPAC-TOS E DESAFIOS NA TERRA INDÍGENA LAKLÂNÔ-XOKLENG

A Barragem Norte, localizada no município de José Boiteux (SC), é uma das três barragens que controlam o forte fluxo de água que entra no Rio Itajaí-Açu. A Barragem Norte foi finalizada em 1992, com capacidade de aproximadamente 355.000.000 m³ que alagam uma área de aproximadamente 870 hectares. Grande parte desta área de alagamento se concentra na Terra Indígena Laklãnő-Xokleng, situada nos municípios de José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Meireles e Itaiópolis (SC).

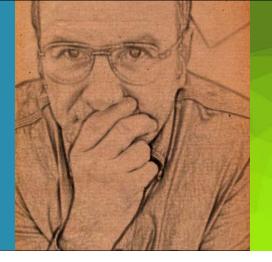
Desde o início da construção, em 1972, os impactos causados pela barragem às famílias indígenas são imensuráveis e se repetem: interferência negativa nas tradições culturais, pois a comunidade que vivia unida em torno do Rio Hercílio necessitou se separar em diferentes aldeias para fugir das inundações; famílias desabrigadas; casas inundadas e condenadas; falta de água potável e alimentos; estradas interditadas; aldeias isoladas; cancelamento das aulas nas escolas; profissionais da saúde sem fazer o atendimento nas aldeias; riscos de deslizamentos; insegurança e angústia pela próxima inundação.

O seminário objetiva visibilizar o processo e os impactos gerados com a construção da Barragem Norte na Terra Indígena Laklãnõ-Xokleng, buscando construir estratégias de defesa dos direitos da população indígena e integração de suas demandas na gestão de risco de desastres do Vale do Itajaí.

Data: 25 de novembro Horário: 8h30min às 18h

Local: Auditório da Biblioteca da FURB - Rua Antônio da Veiga 140, Bairro Victor Konder, Blumenau/SC

Promoção: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, Fundação Luterana de Diaconia e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR/FURB.



A FALSA POLARIZAÇÃO

s eleições presidenciais são sempre muito divertidas na FURB. A universidade pulsa política... Os cordeiros berram pelo interesse estatal e enquanto que as raposas dissimulam gosto pelo empresarial, e a política ecoa forte na rádio corredor. Foi assim nas derrotas de Lula em 1989, 1994 e 1998 e nas suas vitórias em 2002, 2006, e também em 2010 e 2014 com Dilma. Depois é sempre aquela cantilena que mistura frustração e esperança. E esse ano não foi diferente, afinal são poucos os espaços aonde os indivíduos ainda podem se expres-

Este ano tivemos algo de inusitado nas eleições presidenciais na FURB. Em tempo de Militância 2.0, os alunos se reuniram em frente à escadaria do Bloco A e fizeram uma espécie de "Sociofie". Primeiro foram os apoiadores da Dilma e depois em resposta os apoiadores do Aécio. As fotos são reveladoras, porque enquanto a foto pró-Dilma foi noturna e com alunos das "humanas", a foto pró--Aécio foi diurna e com alunos da "saúde". Parecia até que aqueles dois brasis tão caros ao marketing político haviam se encontrado nas escadarias da FURB.

Mas afinal o que estava em jogo na política de educação superior que mobilizou os "neo--atos" pró-Dilma e pró-Aécio? Nos programas entregues à Justiça Eleitoral temos as seguintes propostas: a) Dilma: "Vamos conceder, no período 2015-2018, mais 100 mil bolsas do Ciência sem Fronteiras" p, 28; b) Aécio: "Diversificação do ensino superior e definição de padrões de qualidade para instituições dedicadas à educação geral" p. 51. Nada de novo apenas continuidade, por isso não devemos olhar para o que dizem, mas para aquilo que fizeram.

O Governo do PSDB (1994-2002) se caracterizou pela desregulamentação do ensino superior. Quando o PSDB assumiu o governo havia um gargalo enorme no acesso ao ensino superior no Brasil. A maior parte das universidades se concentravam na região litorânea do país e o acesso se restringia à classe média alta. Como a política econômica neoliberal não permitia a expansão dos gostos públicos, a estratégia adotada foi estimular a oferta de vagas por meio da iniciativa privada. Esta política significou uma retração do ensino estatal e uma precarização da educação.

Já o Governo do PT (2003-2014) manteve a política de desregulamentação, mas, ao mesmo, promoveu uma valorização das instituições estatais. Assim, por um lado, temos a formulação de programas como FIES e o PROUNI para estudantes de graduação em instituições não gratuitas; 2) e, por outro lado, ações voltadas a expansão da oferta de vagas estatais das universidades federais como, por exemplo, o REUNI. A combinação destas duas estratégias foi acompanhada pela

criação de novas estratégias de acesso, como o sistema de Cotas.

Estas políticas se materializaram territorialmente no Vale do Itajaí de forma ambivalente nesses vinte anos. Por um lado, a política de desregulamentação da educação superior promovida pelo Governo PSDB desembocou na criação da UNIASSELVI; por

Mas afinal o que

educação superior

que mobilizou os

'neo-atos" pró-

Nos programas

Justiça Eleitoral

temos as seguintes

2018, mais 100 mil

bolsas do Ciência

"Diversificação do

sem Fronteiras"

p, 28; b) Aécio:

ensino superior

de padrões de

qualidade para

educação geral"

instituições

dedicadas à

e definição

entregues à

propostas: a)

conceder, no

período 2015-

Dilma: "Vamos

Dilma e pró-Aécio?

estava em jogo

na política de

outro, a política fortalecimento das instituições estatais do Governo PT se transformou no Puxadinho da UFSC. Enganam-se, portanto, aqueles que pensam que esses dois modelos se opõem ou se contradizem. Na verdade são complementares e se reforçam mutuamente pela centralização.

O mais paradoxal deste processo é que tanto UNIASSELVI quanto o Puxadinho da UFSC constituem spin off da FURB. Por um lado, a UNIAS-SELVI foi criada com base na expertise de gestão do ensino superior adquirida pelo ex-reitor José Tafner em seus dois mandatos na FURB; por outro lado, o Puxadinho da UFSC constitui a resposta do Governo Federal às manifestações pela federalização da FURB promovidas pelo Movimento FURB Federal, em 2011. Tratam-se, portanto, de respostas im-

perfeitas para os desafios da FURB.

Do ponto de vista da FURB a complementariedade territorial da expansão do ensino superior na região representa um grande desafio. Por um lado, a FURB não possui a agilidade empresarial para aproveitar as oportunidades da abertura do mercado de ensino superior pelo PSDB; por outro, não pode contar com o acesso à transferência de recursos públicos promovido pelo PT devido ao corporativismo das instituições estatais. O resultado combinado desses dois processos constitui o aumento da competição desigual microregional.

Portanto, não devemos exagerar muito a oposição entre as candidaturas de Dilma e de Aécio. Atrás do duelo de insultos e acusações esconde-se a manutenção desse modelo híbrido. Do ponto de vista regional as propostas

> para o ensino superior constituem variações da mesma estratégia. Esta estratégia de gestão se caracteriza pela centralização dos processos decisórios e pela desconsideração das especificidades locais. No limite desta política de gestão do ensino superior a FURB tem sido punida pela sua excepcionalidade institucional.

> Se realmente quisermos entender os reais desafios da FURB não devemos cair na tática da polarização. A tática da polarização se baseia em exagerar as diferenças e ignorar as semelhanças entre o modelo estatal e o empresarial. Quando examinarmos com cuidado os efeitos práticos dessas políticas vemos que existe uma relação de complementariedade que são ocultadas. Por isso os "neo-atos" da escadaria da FURB refletem apenas os efeitos da disputa pelo controle do Estado, que é a fonte de poder, prestígio e riqueza... Afinal, quem controla o Estado controla a Sociedade.

> Por trás dessa aparente dualidade existe uma integração das duas políticas de gestão do ensino superior na região. O fortalecimento do ensino estatal não significou uma diminuição do ensino privado. O Puxadinho da UFSC e a UNIASSELVI não são vasos comunicantes. Isto significa que a expansão das vagas estatais não implicou a diminuição das vagas privadas. O Estatal fortaleceu o Empresarial. Porém, o sonho de combinar inclusão social com estabilidade macroeconômica esbarra no progressivo esgotamento do modelo de crescimento do país. Considerando este cenário o de-

safio constitui agendar, desenhar e implantar uma política pública específica para as instituições públicas municipais. Alguns dizem que a FURB deve ajustar-se a esses dois modelos. Os Cordeiros apontam para o Estatal e as Raposas para o Privado... E porque não podemos ser nós mesmos? Nem "uniasselvilisação" e nem "puxadinhação", apenas a FURB: autônoma e controlada localmente. Portanto, a verdadeira

disputa não está localizada na oposição esta-

tal e empresarial, mas sobre a autonomia e o

Expressão Universitária Novembro/2014



NO PRATO, A MESMA RAIZ

<u>POR VIEGAS FERNANDES DA COSTA</u>

Historiador e professor - viegasfernandesdacosta@gmail.com

uando leio nos jornais que "o Nordeste não é culpado pela eleição de Dilma", eu me pergunto: culpado? Desde quando _somos culpados por nossas escolhas eleitorais? A palavra correta seria "responsável". Aí sim, o Nordeste não é o único responsável pela eleição de Dilma.

A eleição de Dilma só foi possível porque aproximadamente 40% dos votos válidos do Sul do Brasil foram atribuídos a ela. Porque em Minas Gerais, cuja população foi por oito anos governada por Aécio Neves, deu mais de 50% dos votos válidos a Dilma.

E se Blumenau, a cidade na qual nasci e resido, atribuiu 77% dos votos válidos a Aécio, também não lhe atribuo culpas, mas responsabilidades. Não me importo de pertencer aos 23% de eleitores Blumenauenses que depositaram o voto em Dilma. Se votar em Dilma é coisa de Nordestino, então sou um Nordestino nascido e residente no Sul. Qual o problema? Adoro Jorge Amado, Zé Ramalho e Raul Seixas. A poesia de cordel sem-

ROUBADA

pre mexeu comigo, e só não aprendi sas dificuldades de pronunciar Maa dançar frevo porque sou torto dos

Por isso não compactuo com a

O Nordeste não se limita

aos traços do IBGE sobre

São Paulo, e é este homem

que virou suco, que sou eu

também. É este Pagador

carrega sua cruz, como

terno, sagrado e profano,

de Promessas, que

todos nós. É terço e

suor e trabalho."

um mapa. O Nordeste é

opinião de Diogo Mainardi, que afirmou em seu comentário na Globo News, na noite das eleições, ser o povo Nordestino retrógrado, incapaz de se modernizar linguagem.

Aliás, tena linguagem". Também tenho imen-

nhattan Connection, o nome do programa em que protagoniza Mainardi suas pérolas preconceituosas. Será

a modernização da linguagem isto? Reproduzir o que se produz em Manhattan? Destilar ignorâncias travestidas de erudição?

Ah Diogo, ah meu Sul que tanto amo, o Nordeste somos todos nós. O Nordeste não se limita aos traços do IBGE sobre um mapa. O Nordeste é São Paulo, e é este homem que virou suco, que sou eu também. È este Pagador de Promessas que carrega sua cruz, como todos nós. É terço e terno, sagrado e profano, suor e trabalho.

E aos meus conterrâneos do Sul eu lembro,

BORGES

nho imensas dificuldades de compre- macaxeira, mandioca e aipim, de diender o que significa "modernizar-se ferente, apenas o nome. No prato, a

